



EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Se difícil é entender o mistério da dor e do sofrimento, mais difícil é assumi-lo e vivê-lo como realidade visível e palpável na nossa frágil natureza. De muitas e variadas formas sentimos na pele e no coração a angústia de uma dor e de um sofrimento jamais desejados e queridos. Ninguém quer sofrer! Ninguém merece sofrer! Ninguém devia sofrer. Ponto final, parágrafo!

Revolta-nos e fere-nos a dor das nossas dores e a dor pelas dores dos outros. A compaixão não tem dó, nem dá palmadinhas nas costas e muito menos evoca castigos. Não se sabe bem de quem nem de onde, mas fere-nos com a dor do outro e a dor que era de outro passa a ser dele e minha, uma dor nossa. A compaixão não minimiza a dor alheia nem manda ter paciência, antes é paciente na dor e com a dor que nunca lhe pode ser alheia.

Às muitas interrogações e desesperadas questões junta-se uma ladainha de imprecações onde Deus não escapa, como se de um carrasco se tratasse. Alguém tem de ser culpabilizado por isso e por tudo e depressa se quer Deus no papel de médico, curandeiro ou no de um “senhor-faz-tudo”, “senhor-resolve-tudo”. Há situações que só mesmo recorrendo ao 112!

Fartamo-nos, tantas vezes, de impressionar Deus com promessas, ofertas e demais novenas, jaculatórias e restante literatura de pagela, tentando que tudo, como que a toque de varinha mágica, se transforme, desapareça e logo voltemos à normalidade, como se a dor e o sofrimento fossem coisas anormais!

E quando o sofrimento e a dor nos batem à porta, mesmo que pareça uma voz distante, uma existência duvidosa e uma presença longínqua, Deus continua onde sempre esteve e com quem sempre está. Não tomando partido pela dor, assume o sofrimento, sendo um com ele, nele e com ele sofre, vivendo e experimentando a mesma dor, morrendo e ressuscitando, curando e libertando mesmo que da cama não nos levantemos e os nossos olhos nunca mais se abram!

A pedagogia é a mesma: aproximar-se, tomar pela mão e levantar, mesmo que sejam sogras, como a de Pedro!

O Mestre não tem medo da dor e do sofrimento, nem deles foge nem os evita. Ele vê com os olhos do coração, onde a dor se faz mais dor e a compaixão se torna proximidade e nesta proximidade, tomamos pela mão, amparando-nos num novo erguer e andar. Toma-nos pela mão, levantando-nos de um estado febril, que é muito mais que uns graus que o termómetro mede, mas é negação da própria condição, não aceitação da situação, amargura frustrante, perda de sentido e todo o mais que, tão humana e fragilmente experimentamos. Ele toma-nos pela mão fazendo-nos vencer “febres” e retirando-nos do “choco” da cama da condição de coitadinho, de vítima, de “enjeitadinho” e demais “inhos” de que nos cobrimos (e nos cobrem, também) e fazendo-nos erguer na dignidade de homens e mulheres plena e eternamente amados e inseridos num projecto que é de vida, liberdade, e felicidade plena.

Se é legítima a revolta, mais legítima é a nossa dignidade enquanto filhos de um Deus que, em Jesus, nunca deixou de ter a condição de sofredor. Mais que curar corpos, o Mestre cura corações! Mais que curar doenças, o Mestre cura pessoas! Mais que evitar a morte, o Mestre dá vida!

Enquanto não deixarmos que Jesus Se aproxime, nos tome pela mão e nos levante estaremos, e sempre seremos, uns cheios de “febre”.

Há muito doente curado e muitos curados doentes! E enquanto houver um Cristo que me tome pela mão, levantar-me-ei todas as vezes, mesmo que fique de cama e na cama e, “ainda que morra, viveré!”.

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

PALAVRA COM VIDA

V DOMINGO DO TEMPO COMUM Ano B

1ª Leitura

Job 7, 1-4.6-7

«**Agito-me angustiado até ao crepúsculo**»

2ª Leitura

1 Coríntios 9,16-19.22-23

«**Ai de mim se não evangelizar!**»

Evangelho

São Marcos 1, 29-39

«**Curou muitas pessoas, atormentadas por várias doenças**»

Que sentido têm o sofrimento e a dor que acompanham a caminhada do homem pela terra? Qual a “posição” de Deus face aos dramas que marcam a nossa existência? A Palavra deste 5º Domingo do Tempo Comum reflecte sobre estas questões fundamentais, garantindo-nos que o projecto de Deus para o homem não é um projecto de morte, mas um projecto de vida verdadeira, de felicidade sem fim.

Na primeira leitura, um crente

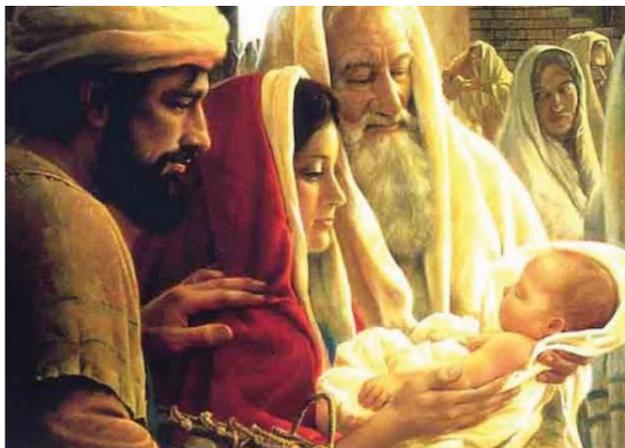


chamado Job comenta, com amargura e desilusão, o facto da sua vida estar marcada por um sofrimento atroz e de Deus parece ausente e indiferente face ao desespero em que a sua existência decorre. Apesar disso, é a Deus que Job se dirige, pois sabe que Deus é a sua única esperança e que fora d’Ele não há possibilidade

de salvação.

No Evangelho é-nos manifestado a eterna preocupação de Deus com a felicidade dos seus filhos. Na acção libertadora de Jesus em favor dos homens, começa a manifestar-se esse mundo novo sem sofrimento, sem opressão, sem exclusão que Deus sonhou para os homens. O texto sugere-nos, ainda, que a acção de Jesus tem de ser continuada pelos seus discípulos. A história da sogra de Pedro que, depois do encontro com Jesus, “começou a servir” os que estavam na casa, lembramos que do encontro libertador com Jesus deve resultar o compromisso com a libertação dos nossos irmãos. Quem encontra Jesus e aceita inserir-se na dinâmica do “Reino”, compromete-se com a transformação do mundo, compromete-se a realizar, em favor dos irmãos, os mesmos “milagres” de Jesus e a levar vida, paz e esperança aos doentes, aos marginalizados, aos oprimidos, aos injustiçados, aos perseguidos, aos que sofrem.

SABIAS QUE...



... no passado dia 2 de Fevereiro, se comemorou a festa Litúrgica da “Apresentação do Senhor” no Templo de Jerusalém?

Quarenta dias após o Natal do Senhor, Maria e José cumprem o mandamento de subir ao templo para acolher o seu filho amado. A experiência bíblica sabe que uma filha, um filho são dom e pertença de Deus, tal como todo o ser humano. Assim, até 1969, a antiga festa de 2 de Fevereiro, de origem oriental, tinha, no Ocidente, o título de “Purificação da Bem-Aventurada Virgem Maria” e encerrava o ciclo do Natal, quarenta dias após o nascimento de Jesus.

Por seu turno, no Oriente bizantino, esta festa con-

centra-se no mistério que reside no “Encontro do Salvador” com aqueles que veio salvar, representados pelas pessoas de Simeão e Ana, segundo as palavras de Lucas 2, 29-32, usadas nos cantos litúrgicos da festa: «Luz para iluminar as nações e glória do teu povo Israel».

Em certas comunidades, é habitual os fiéis participarem, nesta festa, numa procissão comemorativa da entrada de Jesus no Templo, sendo que, inicialmente, teria carácter penitencial passando, mais tarde, a caracterizar-se pela bênção das velas que eram utilizadas acesas durante esta procissão.

Esta tradição conduziu a que, a esta festa, se desse, também, o nome de festa de Nossa Senhora da Candelária, designação com origem na palavra candeia derivada do latim “candere” que significa arder, remetendo para as velas ou círios.

Esta tradição da comemoração de Nossa Senhora da Candelária ou da Estrela está bem vincada em várias comunidades da nossa Diocese de Angra e Ilhas dos Açores.

Paralelamente e intrinsecamente ligado a esta festa, comemora-se, também, neste dia, o Dia da Vida Consagrada, convidando todos os consagrados, à semelhança do que foi feito com Jesus na Sua Apresentação a Deus no Templo, a renovar a sua entrega total nas mãos de Deus, fazendo da sua vida um acto de amor e de serviço a Deus e, deste modo, ao próximo.

Fontes: www.snpcultura.org e www.dehonianos.org

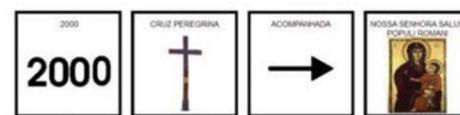
POR CÁ

Símbolos da JMJ “acessíveis” a todos

A Fundação Jornada Mundial da Juventude e o Instituto Politécnico de Leiria prepararam a informação sobre os símbolos da Jornada Mundial da Juventude em escrita fácil com pictogramas, braile e Língua Gestual Portuguesa. Estes conteúdos irão acompanhar a peregrinação que a Cruz e o Ícone de Nossa Senhora vão realizar pelas dioceses de Portugal, por Espanha e pelos PALOP quando a situação sanitária o permitir.

O Centro de Recursos para a Inclusão Digital do Instituto Politécnico de Leiria produziu um folheto explicativo dos símbolos da JMJ, traduzida também em Língua Gestual Portuguesa, disponível desde 27 de Janeiro, dia em que se assinalaram dois anos do anúncio da escolha do Papa da cidade de Lisboa para a próxima edição da JMJ e em que estes símbolos foram solenemente “entronizados” na Sé Patriarcal de Lisboa, numa celebração que, dado o confinamento que está a ser vivido em Portugal Continental, apenas contou com a presença dos Bispos do Patriarcado de Lisboa e de alguns elementos do COL (Comité Organizador Local).

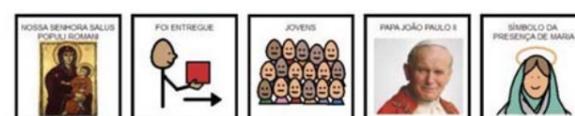
Ao disponibilizar estes conteúdos em diversas formas e plataformas, a organização portuguesa da JMJ torna a própria JMJ acessível a todos e verdadeiramente inclusiva.



Em 2000 a Cruz peregrina é acompanhada pela imagem de Nossa Senhora Salus Populi Romani.



A imagem de Nossa Senhora Salus Populi Romani tem 1,20 metros de altura e 80 centímetros de largura.



A imagem de Nossa Senhora Salus Populi Romani foi entregue aos jovens pelo Papa João Paulo II como símbolo da presença de Maria.



Ficha Técnica
 Autores: Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023
 Coordenação do projeto inclusivo: Célia Sousa (IESECS/CRID/CICS NOVA/Leiria/Politécnico de Leiria)
 Tradução e adaptação para pictogramas (SPIC): Célia Sousa (IESECS/CRID/CICS NOVA/Leiria/Politécnico de Leiria)
 Edição e impressão em braile: Célia Sousa e Luís Vicente (IESECS/CRID/Politécnico de Leiria)
 Interpretação LGP: Sandra Faria (Revisão: JMJ) Edição e gravação de áudio e vídeo: Catarina Varanda (IESECS/CRM/Politécnico de Leiria)
 Design: Elvís González (Aluno do Mestrado em Comunicação Acessível/IESECS/CRM/Politécnico de Leiria)

ENTRE NÓS...

“A vida consagrada abre caminho a uma experiência de vida”



Foi com enorme alegria e gratidão que acolhi este convite a partilhar convosco o que representa para mim a vida consagrada. Não sabia ao certo por onde começar, mas a imagem de um edifício em construção, depressa saltou-me à mente. É uma realidade que observo, da janela do meu quarto, há um ano e quatro meses. Da janela do meu quarto assisti ao movimento de homens que escolhiam aquele terreno projetando algo. De mapas na mão pareciam fazer cálculos e longas conversas que ocuparam os seus dias. Eis que em pouco tempo um movimento inusitado de camiões invadiu o sossego da nossa zona metropolitana do Porto. O que outrora era um terreno baldio insurgia-se uma obra que nos deixava curiosos, expectantes e perplexos. Curiosamente expostos à intempérie e mesmo à pandemia o empreendimento nunca parou. Passados alguns dias, uma equipa de trabalhadores, iniciou a remoção do entulho, a perfuração do subsolo, os primeiros alicerces, o lançamento da primeira laje, o levantamento dos pisos, a unificação e alinhamentos das paredes, e por fim a edificação da cobertura onde tudo combina numa fusão harmoniosa, equilibrada e nivelada. Neste momen-

to os trabalhos de produção continuam, estando o edifício coberto de andaimes para os revestimentos.

Este tempo de pandemia, em que a maioria de nós passou confinado no seu espaço casa, aprendi a cuidar um pouco mais do olhar e rezar esta mesma realidade, com outros olhos. Ao olhar, da janela do meu quarto, e ver hoje este edifício erguido e o que ainda falta para concluí-lo, penso na vida consagrada e todo este processo de construção, de crescimento, de encontro, partilha, escuta, silêncio, perseverança, determinação. Assim como penso que um edifício nunca está concluído, pois cada família que este espaço ocupa porta consigo elementos que acrescentam novidade ao prédio, também a vida consagrada acrescenta novidade pelo seu processo dinâmico, de quem vive na disposição de estar em toda a parte onde há bem a fazer, sofrimento a aliviar, crianças e jovens a educar e irmãos a pôr de pé. A Graça, a dependência filial, a fidelidade, a comunhão fraterna são elementos fundantes a uma vida feliz, nesta opção de vida.

Ao pensar a vida consagrada como casa em construção penso no discernimento que é feito para se aceitar este Projeto de Amor. As pessoas que Deus coloca no nosso caminho e que são autênticos luzeiros nas nossas noites escuras. Penso nas opções que deixamos para trás para abraçar a totalidade de um AMOR que nos provoca fascínio, espanto, encanto e coragem para dizer SIM. Ao pensar na vida consagrada vejo esta imagem de casa em construção... um Projeto que se vai erguendo com a imprescindível ajuda dos “Arquitetos” e “Engenheiros” de Deus. As opções que os arquitetos e demais pessoas entendidas tomam na escolha de um terreno, nas escolhas de materiais... e nós consagrados as opções que vamos

fazendo, no dia a dia, para vivermos uma vida mais ao jeito de Jesus... na simplicidade, na fidelidade à vontade de Deus, na entrega gratuita e radical aos mais pequenos e esquecidos.

Interiormente movimentos inusitados acontecem, mas a necessidade de ter a casa bem solidificada n’Aquele que dá força, permite acreditar e permanecer com Confiança na Obra, que não é nossa, mas dela fomos convidados e aceitamos tomar parte. No interior da casa grandes transformações acontecem. Se pensarmos no encontro de Jesus na última ceia, em Emaús, à volta da mesa, Maria junto aos pés de Jesus e Marta atarefada e tantos outros episódios que nos relata a Bíblia percebemos que a vida consagrada abre caminho a uma experiência de vida levada com outra intensidade e sabor, onde as situações difíceis surgem como oportunidades, os casos impossíveis como recuperáveis. A vida consagrada, nesta imagem de casa em construção, coloca-nos em movimento, em busca incessante do Tesouro escondido no campo. Enquanto focados neste Tesouro, que é Jesus, não perdemos o sentido do essencial e prioritário. A casa que vamos construindo é a casa que habitamos e quanto mais profundos são os alicerces, na relação com Jesus, mais resilientes somos nas intempéries. A vida consagrada nesta imagem de casa em construção e em tempo de gritantes fragilidades desafia-nos a ir ao encontro do irmão(ã) mais próximo de nós, hospedá-lo no nosso coração e amá-lo na sua existência. Desafia-nos a um testemunho de Esperança, Escuta atenta e tempo sem tempo.

Ir. Tânia Encarnação
 Congregação das Irmãs S. José de Cluny